

## As linhas de força do memorialismo de Maria Isabel Silveira

Mariana Diniz Mendes<sup>121</sup>

**Resumo:** Em agosto de 2006, o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) recebeu o acervo pessoal do escritor Valdomiro Silveira (1873-1941). Em meio aos documentos, destaca-se um conjunto de cadernos de Maria Isabel Silveira (1880-1965), casada com o escritor. Maria Isabel Silveira publicou artigos humorísticos na imprensa santista sob o pseudônimo de “Baronesa de Itororó” e com o livro *Isabel quis Valdomiro* consagra-se memorialista brasileira. Editada pela Francisco Alves, em 1962, a obra é composta de recordações que abrangem sua infância, narram os primeiros encontros com Valdomiro — quando ela tinha 8 e ele 17 anos — e se estendem até os anos iniciais da vida familiar, quando nasce o último dos cinco filhos que completa o clã. Nas páginas iniciais Isabel declara a importância de uma parcela de seus diários para compor a obra e, apesar do livro ser lançado na fase final de sua vida — Isabel vive até 1965 —, a narrativa se encerra no final do ano de 1914. O livro de memórias cobre um tempo específico e, ao escolhê-lo, Isabel promove dois cortes significativos. Do ponto de vista temporal, deixa de lado mais de quarenta e cinco anos vividos e, do ponto de vista material, alija um grande volume de diários (mais de quarenta). A comunicação discutirá as linhas de força, ou seja, as razões que levam Isabel a restringir suas memórias ao tempo e ao material eleitos. Quais as ideologias e visões de mundo que orientavam uma mulher de sua classe social a constituir como fundamental os 34 primeiros anos, tidos neste contexto, como o ápice da vida da mulher, esposa e mãe? A análise da obra memorialística possibilita o diálogo com outros campos, quais sejam: arquivística, história e sociologia.

**Palavras-chave:** Diários; memórias; narrativas; escrita feminina.

Em agosto de 2006, o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) recebeu o acervo pessoal de Valdomiro Silveira (1873-1941). Documentos, livros, manuscritos, cartas e fotografias foram doados pela neta e bisneta do

---

<sup>121</sup> Mestranda em Literatura Brasileira com bolsa de auxílio à pesquisa (Capes) no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). E-mail: mariana.mendes@usp.br.

autor paulista. Em meio ao material, destaca-se um conjunto de cadernos de Maria Isabel Silveira (1880-1965), memorialista casada com o escritor.

Atualmente, não se refuta a ausência de mulheres no discurso histórico tradicional e, no ambiente acadêmico, são muitas as pesquisas que contribuem para transformar as ciências humanas, pois segundo Michelle Perrot: “Forma de relação com o tempo e com o espaço, a memória, como a existência da qual ela é o prolongamento, é profundamente sexuada.” (PERROT, 1989, p. 18). Diante desse contexto e com o objetivo de colaborar com o entendimento sobre o rebaixamento intelectual a partir da questão de gênero, a proposta investiga a escrita memorialística de Maria Isabel Silveira a partir da análise de seu livro de memórias, *Isabel quis Valdomiro*, como forma de adequação literária diante do cenário de invisibilidade relegado às mulheres escritoras durante os séculos XIX e XX.

Publicado pela Francisco Alves, em 1962, década em que se localiza o apogeu do gênero (VIANA, 1995, p. 40), *Isabel quis Valdomiro* é lançado dois anos depois de *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, que havia batido recordes de venda. Autoras oriundas de classes sociais distintas, as obras se aproximam ao integrar a mesma coleção: “Contrastes e confrontos”, confirmando o momento em que memórias de autoria feminina começam a pipocar no meio editorial. *Isabel quis Valdomiro* constitui-se de uma narrativa em prosa com quarenta e oito capítulos curtos compostos de recordações que abrangem a infância da autora, narram os primeiros encontros com Valdomiro — quando ela tinha 8 e ele 17 anos — e se estendem até os anos iniciais da vida familiar, quando nasce o último dos cinco filhos que completa o clã. É o caçula, Miroel Silveira, quem ajuda Isabel no trabalho de compilação. A entrada no diário de 1962 que corresponde ao dia do lançamento testemunha a emoção da memorialista:

Dia do lançamento do meu livro “Isabel quis Valdomiro”. Vamos ver o que acontece!

Nunca pensei que livro causasse a comoção que causou na “Livraria Francisco”. Foi uma dessas cousas espantosas. Não parei de autografar durante três horas a fio. Recebi presentes e muitos e lindos buquês de flores cravos, rosas vermelhas que adoro. Até fiquei numa atmosfera de amizade e admiração encantada com o meu sucesso. Miroel ao meu lado, ajudou-me sem parar e Isa também dedicadíssimos, sem o que nada disso aconteceria. Muitos amigos ali compareceram com demonstrações de dedicação sem limites e muitos permaneceram de pé, olhando-nos amorosamente, achando-me linda e alegres com as repetidas demonstrações que não cessaram de todos que ali se achavam. (30 de novembro de 1962, diário de Isabel).

Na orelha de *Isabel quis Valdomiro*, espaço privilegiado considerado o “abre-las” de um livro, destacam-se dois nomes (masculinos): Rui Barbosa e Monteiro Lobato. São eles que respaldam e justificam a publicação:

De fato, nasceu o livro de anotações tomadas pela autora em “diários”, feitos para cada filho separadamente durante seus primeiros anos de vida. É fácil imaginar o que representa de devoção e paciência esse redigir cotidiano de fatos, captados tantas vezes em estado de cansaço e de doença. Rui Barbosa, ao saber da existência desses “diários”, disse à autora na ocasião: “Basta isso para definir o seu caráter!”.

Mas o grande incentivador da autora foi Monteiro Lobato, que a considerava uma personalidade e invulgar e a aconselhava sempre a reunir essas anotações em livro. (SILVEIRA, 1962, orelha).

A motivação que leva uma pessoa a escrever suas memórias pode variar. Contar-se para gerações futuras? Buscar na escrita uma companhia? Testemunhar sobre uma época? As intenções são inúmeras e podem se intercambiar, mas o que não se discute é que memórias se caracterizam por registrar uma fala que se configura como resgate e reavaliação da experiência vivida. Em *Isabel quis Valdomiro*, a autora realiza o olhar retrospectivo e, logo no texto de abertura intitulado “Dá licença?”, explica ao leitor seu propósito:

As crianças crescem, e somos depois facilmente destronados por uma bicicleta, um namoro, um curso ou mesmo pela necessidade de estudar, de trabalhar e ganhar dinheiro...

É dessa perda certa e fatal que este livro procura me compensar. Espero, também, que leve idêntico sentimento de compensação a todos os pais e mães que estejam na mesma situação — isto é, já tendo perdido ou estando na iminência de perder suas crianças. (SILVEIRA, 1962, p. 7).

O objetivo de Isabel em reconstituir o passado se revela logo nas primeiras páginas, no entanto, ilude-se quem percorre as memórias pensando estar diante de um texto raso. Nos diários e memórias de Isabel lê-se a ideologia, a moral, a religião e o papel social esperado da mulher de uma classe e época. O leitor ora é atraído a reconhecer o contexto histórico, ora o que se destaca e chama atenção é a natureza das relações pessoais. Se por um lado as memórias, como instantâneos, parecem fixar o tempo, ou seja, a escrita cravada no papel reconstitui o tempo passado, por outro, uma leitura apurada é capaz de identificar um texto com várias camadas. Diários e memórias enganam leitores apressados.

Os diários que embasam o livro testemunham o dia a dia de uma mulher ocupada no desempenho das tarefas no lar, nos afazeres cotidianos e domésticos para garantir o bom funcionamento da casa e do bem estar dos filhos. Nota-se uma mulher atravessada pela visão de mundo que marca a virada do século XIX para XX, permeada de ideias e correntes novas. Ideias-chave como modernização e traços do positivismo, por exemplo, estão presentes nos diários dos filhos. A República associou-se a novos conceitos e representações, como a noção de ser “civilizado”. O crescimento das cidades passou a distinguir os espaços da rua (espaço público) e da casa (espaço privado) e a influência do modo de vida burguês europeu, principalmente francês, incide sobre a mentalidade da mulher das camadas sociais médias brasileiras, classe social em que Isabel está inserida. (D’INCAO, 2017, p. 223).

Como mulher casada, detentora de capital cultural e intelectual que faz parte de uma camada despreocupada com a subsistência, Maria Isabel está engendrada em uma dinâmica social específica que articula gênero e classe. Por gênero entende-se “um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é a maneira primordial de significar relações de poder”. (SCOTT, 1988, p. 42, apud SAFFIOTI, 1992, p. 197). Portanto, a categoria de gênero faz com que as diferenças percebidas em nossos corpos ganhem sentido dentro de uma estrutura de poder. Quando o gênero como categoria de análise se faz notar, estamos no campo das desigualdades. Como esposa de Valdomiro, Maria Isabel ocupa um lugar social de dona de casa e mãe. Sua origem burguesa a situa em uma instituição, o casamento, que presume uma relação desigual entre ela e seu marido, porém essa relação obedece um mecanismo dialético, sendo possível identificar a adequação de Isabel diante da situação. A socióloga brasileira, Heleieth Saffioti nos ajuda a entender o mecanismo:

A relação de dominação-exploração não presume o total esmagamento da personagem que figura no polo de dominada-explorada. Ao contrário, integra esta relação de maneira constitutiva a necessidade de preservação da figura subalterna. Sua subalternidade, contudo, não significa ausência absoluta de poder. Com efeito, nos dois polos da relação existe poder, ainda que em doses tremendamente desiguais. Que esta desigualdade não induza o leitor a pensar numa relação de hierarquia, quando se trata, como se verá adiante, de uma relação contraditória. Em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia. As mulheres, portanto, não sobrevivem graças exclusivamente aos poderes reconhecidamente femininos, mas também mercê da luta que travam com os homens pela ampliação-modificação da estrutura do

campo do poder tout-court. Como na dialética entre o escravo e seu senhor, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania. (SAFFIOTI, 1992, p. 184).

A leitura das camadas do livro observa-se a complexidade de Isabel e da situação da mulher nessa esfera social. Por mais que reforçasse a estrutura burguesa, a escritora acena com uma espécie de trunfo que a todo momento tende a destacar para o leitor. Que trunfo é esse? Se nos determos ao título que Isabel dá ao livro notamos o protagonismo não em Valdomiro, mas na mulher que o desejou: *Isabel quis Valdomiro*. Ela nos mostra uma fresta, há um pequeno clarão que aparece no seu bom humor, na alegria e numa ironia que podem representar a reação da escritora. Essa atitude — que tem como qualidade a espirotuosidade — é mencionada frequentemente como uma estratégia diante da vida e talvez possa ser vista como o escape de Isabel, a maneira encontrada por ela para não ser “uma serva do homem e boneca de carne do marido” (FREYRE, 1968, p. 94, apud DIAS, 1983, p. 40). Amiúde a autora chama atenção para esse antídoto às formas sociais fixas e impostas à mulher:

Sempre fui naturalmente alegre, graças à minha formação saudável na infância passada em Minas, em contato com a natureza, e à sobriedade e higiene em que sempre vivi. Mas, além disso, procurei sempre também, ajudar minha alegria natural com o enriquecimento da alegria imaginada pela inteligência, para escapar de um perigo que aflige a natureza humana em geral, e o casamento em particular: a monotonia. (SILVEIRA, 1962, p. 51).

É próprio de alguns textos memorialísticos a tentativa de reproduzir o modelo de feminilidade culturalmente oferecido à mulher (VIANA, 1995, p. 33), o que se percebe em Isabel, mas a memorialista não se auto representa imóvel ou emparedada por sua condição de mãe e esposa. Sua escrita reforça os valores tradicionais concentrados, principalmente, na família e na moral cristã, mas ela se integra ao mundo narrado como sujeito agente, não espectadora. No autorretrato que constrói em seu discurso Isabel se mostra virtuosa, corajosa e dedicada, Os trechos dos diários dos filhos são subordinados ao livro na medida em que no livro Isabel se auto representa como uma mulher dotada de vontades próprias.

O autorretrato de mulher determinada vai se construindo ao longo da narrativa até chegar no clímax deixado estrategicamente para o final. Isabel arquiteta um plano e proclama um firme propósito: convencer Valdomiro a comprar uma casa para a família,

em Santos. Assim que engravida do último filho, em 1913, este se torna um objetivo para o qual se volta com firmeza. A estratégia consistia em Isabel se mudar com os filhos para Jundiaí, deixando Valdomiro sozinho em Santos. Jundiaí era cidade onde morava Paulo, irmão de Isabel, dono do famoso Ginásio Hydecroft:

E tinha também meus planos secretos... (...) Só numa dessas visitas, mais tarde, é que lhe revelei a chantagem que eu lhe vinha silenciosamente preparando: disse-lhe que só regressaria para Santos quando tivéssemos casa própria — e uma boa casa, grande, e com terreno amplo para as crianças brincarem... Que diabo! Com cinco filhos, já seria tempo de pensar em nos instalarmos definitivamente, com todas as conveniências, e se eu fazia essa imposição não era por vaidade ou futilidade, mas porque se não tomássemos cuidado, como vivíamos de mãos abertas para todos, acabaríamos não guardando nada para os filhos. (SILVEIRA, 1962, p. 159).

Isabel é bem sucedida e a compra da casa é registrada e comemorada em mais de um diário dos filhos. É a maneira que ela encontra para encerrar o livro, diante do grande desejo conquistado:

No sábado seguinte chegou Valdomiro, triunfante, brandindo na mão a escritura da compra da casa que eu sonhara, o 816 da avenida Conselheiro Nébias...  
Foi um dia de satisfação sem limites, com o forno assando broinhos e bolos de fubá e o champanhe estourando na mesa. Sé eu não provava, porque não gostava de facilitar quando ainda estava amamentando. (SILVEIRA, 1962, p. 192).

A comunicação tenta realizar a tarefa de distanciar Maria Isabel Silveira dos estereótipos que emparedaram as mulheres de classes sociais privilegiadas. A autora se vale dos diários e da memória para reencontrar um tempo específico nos deixando um relato do qual emerge um ponto de vista de si mesma. O olhar patriarcal está presente na estrutura do livro, mas a narrativa revela uma leitura pessoal e subjetiva da realidade. Isabel não se furta a restaurar o passado simplesmente, mas cria novos sentidos e significados para seu papel. Pelas memórias selecionadas e organizadas, a memorialista procura se reintegrar ao mundo como sujeito de sua história.

## Referências Bibliográficas

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Mulheres sem história*. Revista de História. No. 114, 1983.

D'INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”. In: *História das mulheres no Brasil*. Organização: Mary Del Priore. 10 ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”. In: *Revista Brasileira de História*. V. 9. Número 18. Ago./set.89.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: Mito e Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. “Rearticulando gênero e classe social”. In: *Uma questão de gênero*. Organizado por: Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SILVEIRA, Maria Isabel. *Isabel quis Valdomiro: memórias*. São Paulo: Francisco Alves, 1962.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.